

## **O *Scriptum Oxoniense* de Duns Escoto sobre o livro I das *Sentenças* editado em Coimbra em 1609 por frei João da Encarnação**

José Meirinhos  
(Gabinete de Filosofia Medieval)

Em 1609 dos prelos de Diogo Gomes Loureiro saiu o livro I do *Scriptum Oxoniense* de Duns Escoto, em grosso volume de 686 páginas, mais 46 não numeradas. A obra foi publicada num período de grande e importante actividade tipográfica em Coimbra onde, entre 1592 e 1606, tinham sido publicados cinco dos nove tomos de comentários e questões sobre obras de Aristóteles escritos pelos jesuítas do Colégio das Artes e que seriam adoptados como manuais de ensino em academias e universidades por toda a Europa. A última das obras, os *Commentarii in universam dialecticam*, em dois tomos, saiu em 1606 da tipografia de Diogo Gomes Loureiro, impressor da universidade, o mesmo tipógrafo que três anos depois deu à estampa o *Scriptum Oxoniense*. Tudo indica que é ainda hoje a única edição latina em Portugal de uma obra de Duns Escoto.

### **Escoto na Universidade de Coimbra nos séculos XVI e XVII**

Coimbra é por esta altura um importante centro científico, filosófico e teológico. A Universidade, reinstalada em Coimbra em 1538, atravessara diversas reformas e a Faculdade de Teologia mantinha ainda a sua proeminência nos quadros de ensino e do conhecimento, apesar do fulgor do Colégio das Artes fundado em

1548. Diversas cátedras integram o programa de estudos em Teologia, sendo designadas ou pela hora a que ocorrem ou pelo nome do autor ou tema estudados. As quatro grandes são as de Prima, de Véspera, de Terça (conhecida como *Escritura grande*), de Noa, e as quatro pequenas são as de Durando, Escritura (ou catedrilha, conhecida como *Escritura pequena* ou *Conceitos*) e S. Tomás (que também podia ser sobre Gabriel Biel)<sup>1</sup>.

A *cathedra de noa*, que de facto não é explicitamente mencionada nos estatutos de 1587, fora instituída em 1562 e nela estudava-se a Teologia segundo o ensinamento de João Duns Escoto<sup>2</sup>. Esta cadeira sempre foi menos importante que a *cátedra de prima*, onde Tomás de Aquino e a *Summa Theologiae* eram o centro de estudo. A *cátedra de noa* apesar de centrada na obra de um franciscano, não era regida por um doutor desta família religiosa, porque até meados do século XVIII os franciscanos estavam impedidos pela Ordem de tomar graus académicos, excepto os que recebiam nas escolas da Ordem, e por esta razão não podiam concorrer à regência de cursos nas escolas oficiais, nomeadamente na Universidade. Isso explica que a regência da *cátedra de noa* nunca tivesse estado a cargo de lentes franciscanos. Este facto não impediu relações estreitas entre a Ordem e a Universidade. Testemunha-o o movimento de incorporação de colégios franciscanos na Universidade

---

<sup>1</sup> Cf. F. T. FONSECA, «A Teologia na Universidade de Coimbra», em *História da Universidade em Portugal*, vol. I.2: 1537-1771, Universidade de Coimbra – Fundação Calouste Gulbenkian, Coimbra – Lisboa 1997, pp. 782-783, 788, ver a pp. 794-795 um quadro comparativo dos conteúdos de ensino das quatro cátedras principais no período de 1563 a 1608.

<sup>2</sup> Cfr. F. F. LOPES, «Os estudos entre os franciscanos portugueses no séc. XVI», *Colectânea de estudos*, IIª série, 2 (1951) 155-91, reed. em IDEM, *Colectânea de estudos de História e Literatura*, APH, Lisboa 1997, vol. II, p. 385-405; IDEM, «O ensino das doutrinas de Escoto na Universidade de Coimbra», *Itinerarium* 12 (1966) 193-264, reed. em IDEM, *Colectânea de estudos*, op. cit., vol. II, pp. 473-534.

ao longo dos séculos XVI e XVII, para usufruírem dos seus privilégios<sup>3</sup>.

A influência doutrinal de Escoto far-se-á sentir no reino de modo mais marcante quando a Universidade, por instância do rei João IV, em 28 de Julho de 1646, com solenidade jurou «defender, ler, pregar e ensinar publica e particularmente» a doutrina da Imaculada Conceição. Os dominicanos estiveram ausentes do Claustro Pleno e da Junta de Lentes e de outras reuniões onde a questão foi debatida, o que suscitou ao mesmo rei um pedido de inquirição para saber das respectivas razões. A doutrina escotista da Imaculada Conceição foi adoptada pela universidade<sup>4</sup> e também pelo reino, o que, como já foi sugerido, poderá ter alguma relação com o quase desaparecimento dos dominicanos do corpo professoral da Universidade em meados do século XVII<sup>5</sup>. Em 1648 foi mesmo deposto da *cathedra de prima* o dominicano irlandês frei Diogo Artur por se negar a fazer o juramento de defender o privilégio da Imaculada Conceição, a que estavam obrigados todos os lentes da Universidade<sup>6</sup>.

O ensino da Teologia centra-se em três livros de texto principais: a *Escritura* (Antigo e Novo testamentos), a *Suma de Teologia* de Tomás de Aquino, os *IV livros das Sentenças* de Pedro Lombardo. As *Sentenças* são expostas sobretudo através dos comentários de Durando de Saint-Pourçain, de João Duns Escoto e de Gabriel Biel, a que eram dedicadas cadeiras especiais.

---

<sup>3</sup> Cf. I. S. RIBEIRO, «Autores franciscanos portugueses do século XVII (cientistas e filósofo-teólogos)», *Itinerarium*, 4 (1958) 467-477, p. 467-468.

<sup>4</sup> Cf. A. de VASCONCELOS, «A doutrina da Immaculada Conceição e a Universidade de Coimbra», *O Instituto*, 41 (1894) 1073-1105; Idem, *O mysterio da Immaculada Conceição e a Universidade de Coimbra. Memória histórica apresentada ao Congresso Universal Mariano de Roma*, Imprensa da Universidade, Coimbra 1904.

<sup>5</sup> F.T. FONSECA, «A Teologia», art. cit., p. 786-787.

<sup>6</sup> Cf. M. G. da COSTA, *Inéditos de Filosofia em Portugal*, ed. do A., Braga 1978, p. 32.

### A edição do *Scriptum Oxoniense* em Coimbra

A edição do *Scriptum Oxoniense* de Duns Escoto em Coimbra em 1609 corresponde, assim, a uma necessidade curricular de textos de estudo. A edição foi preparada pelo franciscano frei João da Encarnação como se regista na própria portada e nos diversos certificados de privilégio das páginas iniciais.

Lemos na página de rosto:

R.P.F. / IOANNIS DUNS SCOTI / ORDINIS MINORUM, DOCTORIS / subtilissimi, & Theologorum omnium facilè principis, / OXONIENSE SCRIPTUM IN LIBRUM PRIMUM / Sententiarum Magistri Petri Lombardi. / Núnc primò ordinatum, & expurgatum per FR. IOANNEM AB INCARNATIONE / Olyssipponensem, eiusdem Ordinis Presbyterum, & Sacrae / Theologiae emeritum Praelectorem. / AD REVERENDISSIMUM, ET SAPIENTISSIMUM P. F. PETRUM / GONÇALLES DE MENDOÇA, IPSIUS ORDINIS IN CISMONTANA FAMILIA / COMISSARIUM GENERALEM.

[lâmina]

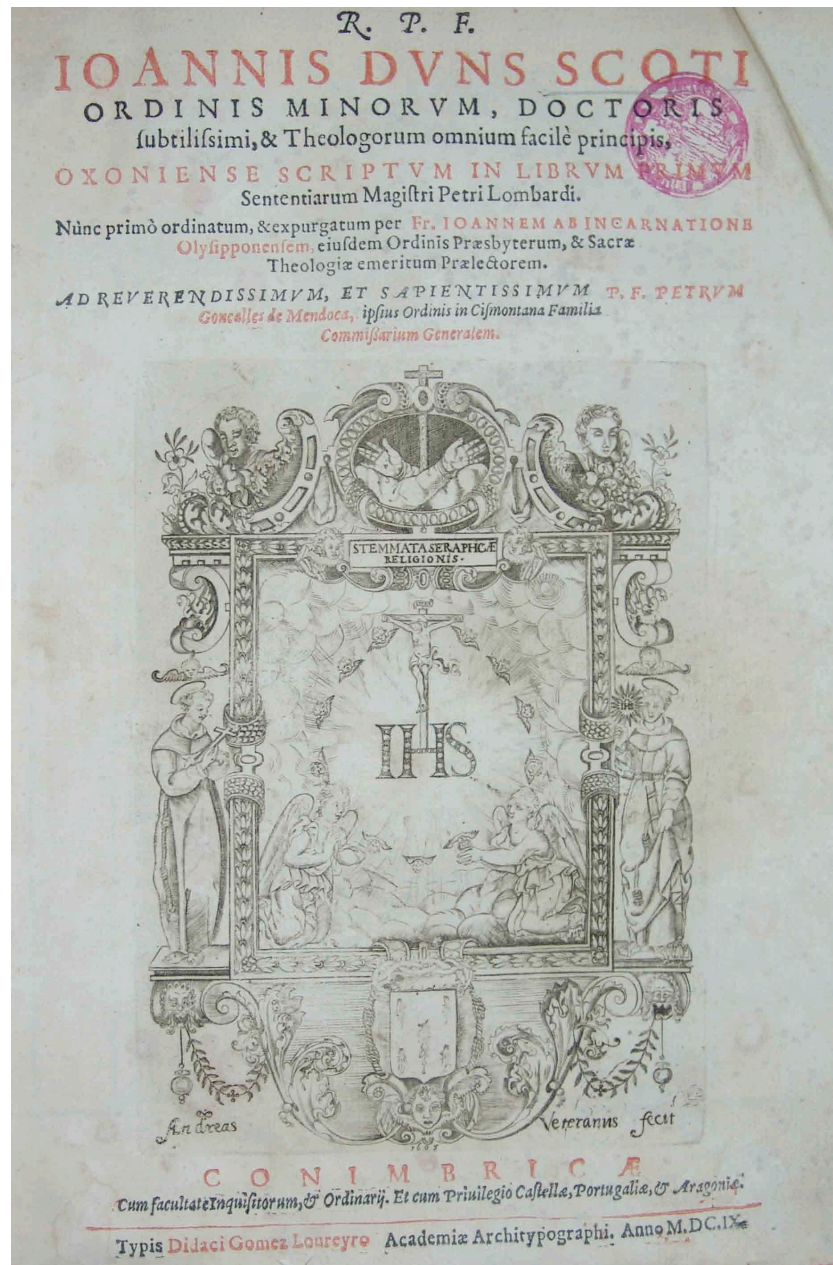
CONIMBRICÆ / Cum facultate Inquisitorum, & Ordinarii. Et cum priuilegio Castellæ, Potugaliæ, & Aragoniæ / Typis Didaci Gomez Loureiro Academiae Architypographi. Anno MDCIX.

O volume tem 686 páginas, mais 46 não numeradas (aqui assinalados com \*), com 270x200 mm. Dele existem na Biblioteca Pública do Porto dois exemplares com as cotas Res. XVII-59 e Res. XVII-59A (olim E<sup>7</sup> – 12 -27; I<sup>7</sup> – 13 – 15)<sup>7</sup>.

A obra começa com uma carta dedicatória ao «Reverendissimo et sapientissimo Patri F. Petro Gonçalles de Mendoça totius Franciscanae familiae citra montes Alpes Commissario

---

<sup>7</sup> Numa sondagem não exaustiva, assinalam-se exemplares em diversas outras bibliotecas: Baltimore, Johns Hopkins University Libraries, Special Collections, B765.D7 O8 1609; Idem, George Peabody Library. Rare Book 208 D926 1609 QUARTO; Cambridge, University Library, Rare Books Room, G\*.10.34 (C); Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, Stamp.Barb.F.II.2; Madrid, Universidad Complutense, Biblioteca Histórica, Fondo Antigo, BH FLL 6406; Oxford, Bodleian Library, Vet. G2 d.24; Toronto, University of Toronto Library, s/c.



A PORTADA

Generali» (p. 2\*-3\*), onde frei João da Encarnação descreve as razões da sua edição e os trabalhos a que se deu para dar à estampa uma obra «desejada por todos, tentada por vários, concluída por pessoa alguma, alcançada por ninguém», e que, como diz, já tinha sido expurgada e libertada de adições ao tempo do padre Francisco Lichetus, por volta de 1519. Imprime-o então agora num texto «ordinatum, expurgatum et praepolitum»<sup>8</sup>. Frei João quer pois oferecer um texto limpo de adições espúrias e reorganizado para facilitar a sua leitura e estudo.

Antes de publicada, a obra teve que obter as necessárias licenças, que estão nas pp. 4\*-5\*. D. Gabriel da Costa dá-a nos Idos de Setembro de 1608 no Supremo Conselho. A autorização de impressão e mandato para que depois de impresso regresse ao Conselho Geral é assinada em 30 de Setembro de 1608 por Marcos Teixeira, Bertolameu da Fonseca, Rui Piz da Veiga. O Bispo Conde dá «licença pêra se imprimir o livro, de que se faz menção. Em Coimbra a 9. de Outubro de 1608». Segue-se a licença de impressão e fixação do preço:

Que se possa imprimir este Liuro, Vista a licença do Sancto Officio, que apresenta. E depois de impresso virà a esta Mesa per ser taxado o preço, por que se ha de vender. Em Lisboa a 2. de Outubro de 1608.

Costa. A. Da Cunha. Machado.

Por fim, na p. 5\*, encontra-se a *Summa do privilegio real* que dá a esta impressão e ao seu autor um monopólio peninsular pelo

---

<sup>8</sup> Na introdução à edição crítica das obras de João Duns Escoto a Comissio scotistica enumera todas as edições anteriores e a vigésima quarta edição é assim apresentada: «Conimbricae 1609; ed. Didacus Gomes Loureiro, iuxta castigationem Ioannis ab Incarnatione», correspondendo-lhe uma nota onde é citada a passagem da carta prefácio onde João da Encarnação descreve os seus procedimentos de trabalho; cfr. Doctoris Subtilis et Mariani B. Ioannis Duns Scoti, Fratrum Minorum, *Opera Omnia*, studio et cura Commissionis Scotisticae ad fidem codicum edita, ed. C. BALIĆ et al., Typis Polyglottis Vaticanis, Civitas Vaticana 1950, p. 129\*.

período de 10 anos, impedindo mesmo a importação de outras edições:

[P]or priuilegio da Catholica Magstade delRey nosso Senhor, concedido ao Padre Frey João da encarnação natural de Lisboa, esta prohibido em os Reynos de castella, de Portugal & de Aragão que por tempo de dez annos, impressor, nem liureiro algum, nem outra pessoa de qualquer qualidade que seja, possa imprimir, nem vender em todos estes Reynos, & senhorios, nem trazer de fora delles, o livro intitulado, Oxoniense scriptum R.P.F. Ioannis Duns Scoti, que o dito Padre Frei João ordenou, alimpou, & imprimio, sem sua licença, & consentimento, sob pena de que perdera pera ele todos os volumes que assi imprimir, ou trouxer de fora, & encorrera em penna de cem Cruzados a metade pêra o Autor, & a outra metade pêra o accusador.

REY

Segue-se uma página em branco que tem no verso (p. 6\*) a «verdadeira efigie» de Duns Escoto por Andreas Velho (ver página seguinte), que é também o autor da portada (ver página 21). A pose contemplativa de Duns Escoto, representado em acto de escrever com a pena na mão direita e a mão esquerda mantendo um livro aberto apoiado na base da moldura ornamental, inspira-se sem dúvida na difundida iconografia tradicional de Duns Escoto<sup>9</sup>.

Em face da efigie começa então a «Vita R.P.F. Ioannis Duns Scoti ordinis Minorum colecta ex variis per eundem F. Ioannem ab Incarnatione, cum quibusdam notulis ad ipsam vitam» (pp. 7\*-18\*). Lucas Wadding identificou a *Vita* como provindo da de João de S. António e esta é a única obra mencionada na breve ficha que dedica a João da Encarnação no catálogo de autores franciscanos e na qual nem mesmo menciona a própria edição onde está publicada<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> Cf. G. LAURIOLA, - J. SCHNEIDER - S. SOLINAS, *Duns Scotto nell'arte. Duns Scot in der Kunst*, ed. AGA, Alberobello 2001.

<sup>10</sup> Cf. Lucas Waddingus, *Scriptores ordinis minorum: quibus accessit syllabus illorum qui ex eodem ordine pro fide Christi fortiter occubuerunt*, Roma 1650 (reimpr. Arnaldus Forni Roma 1998), p. 212, col. 2, nr. 2257 (1170).



A EFÍGIE DE DUNS ESCOTO

Após a *Vita* encontra-se um sumário *Catalogus operum, quae scripsit* que pelo seu interesse se transcreve na íntegra:

Scriptum Oxoniense. lib. 4.  
 Quodlibeta. lib. I.  
 Scriptum Parisiense. lib. 4.  
 Collationes Parisienses. lib. I.  
 De primo principio. lib. I.  
 Theoremata. lib. I  
 De cognitione Dei. lib. I.  
 Super Logicam, Philosophiam, & Metaphysicam. lib. 43.  
 Tetragammata. lib. I.  
 Super Genesim. lib. I  
 In quattuor Euangelia. lib. I.  
 In Epistolas Pauli. lib. I.  
 Sermones de tempore. lib. I.  
 Sermones de Sanctis: lib. I

Este breve catálogo representa bem o estado da atribuição de obras a Duns Escoto no início do século XVII, com a junção de escritos que hoje sabemos espúrios. Sobressai também o modo agregado como são mencionadas as obras de Filosofia, enquanto as de Teologia são mencionadas individualmente, o que reflecte sobretudo os interesses de frei João da Encarnação.

O «Prologus ad lectorem» (pp. 19\*-24\*) é seguido por um breve elenco de autoridades citadas na obra editada de Escoto: o «Catalogus patrum, theologorum et philosophorum qui in hoc libro primo citantur» (p. 25\*).

A edição do *Scriptum* a duas colunas inseridas em moldura ocupa então as pp. 1-686, em cujo exlicit lemos a datação da impressão «*Finis primi libri sententiarum. Conimbricae Noni Martii, in die Beati Thomae Aquinatis Anno Domini 1609*». Seguem-se três índices, com que o volume termina, em páginas com numeração mista e por registo dos cadernos (Mmm, Nnn, Ppp): o «Index locorum Sacrae Scripturae»; o «Index philosophicus locorum Aristotelis quae in hoc primo libro citantur et explicantur»; o «Index rerum notabilium quae in hoc primo libro continentur». O índice das passagens de Aristóteles «citadas e explicadas» denuncia o interesse com que

Escoto era lido enquanto aristotélico ou expositor do pensamento de Aristóteles.

### **Frei João da Encarnação**

De Frei João da Encarnação, natural de Lisboa e organizador desta edição, pouco sabemos<sup>11</sup>. Diogo Barbosa Machado lamenta que apesar «de ser digno dos mais honoríficos lugares naõ teve outro mais que a Guardiania do convento de S. Francisco no Porto que exercitava no anno de 1609», o mesmo da impressão desta obra. Aplica-lhe o epíteto «vir doctus et insignis praedicator» que atribui ao *Syllabus* de Wadding, Nicolau António e frei João de Santo António, mas em Wadingo apenas se lê: ««Lector emeritus fuit, et Guardianus tantum, non Minister Prov.»». A lacónica informação biográfica é a que outros autores repetem, tão escassa é a memória sobre este pouco conhecido editor de Duns Escoto.

### **O texto editado**

O volume contém o livro I do *Scriptum Oxoniense*, ou seja o *Comentário ao livro I das Sentenças de Pedro Lombardo* que Escoto compôs em Oxford e que, por ter sido posteriormente revisto pelo Autor, ficou conhecido como *Ordinatio*.

A obra tinha já tido diversas outras edições impressas. Barbosa Machado explica de modo elegante as razões desta edição por frei João da Encarnação: «para que no Orbe Literário se fizesse mais plausível a doutrina do subtil Escoto, Príncipe da escola Seráfica, reduziu a melhor methodo, e ilustrou com doutíssimas annotaçoes o primeiro livro das Sentenças deste grande Doutor» (op. cit.).

---

<sup>11</sup> Cfr. L. Waddingus, op. cit.; N. António, *Bibliotheca Hispana Nova*, vol. I, p. 546; frei João de Santo António, *Bibliotheca Universa Franciscana*, Madrid 1733, vol. II, p. 33; D. B. MACHADO, *Bibliotheca Lusitana historica, critica e cronologica*, 4 vol., Oficina de António Isidoro da Fonseca, Lisboa 1741 (reimpr. Atlântida, Coimbra 1965-1967), vol. II, p. 651; I. S. Ribeiro, «Autores franciscanos portugueses do século XVII», art. cit., pp. 472-474

A expressão usada por Barbosa Machado, «reduziu a melhor methodo», sublinha as intervenções editoriais de frei João da Encarnação, que na dedicatória havia confiado que pretendia limpar o texto de Escoto de todas as interpolações, restituindo-o à sua integridade primitiva. Para tanto fez a colação de edições já existentes e sobre elas compôs este texto, mas por lhe faltar um padrão devidamente identificado ou o confronto com manuscritos, que outros editores de então fizeram, o que daqui resulta é mais um texto compósito, com a alteração mais profunda a resultar da adopção do «milhor methodo». De facto, para facilitar o estudo por estudantes de Teologia (cfr. Praefatio ad lectorem), vemos frei João da Encarnação reorganiza o texto dividindo as *quaestiones* e as *distinctiones* em *lectiones*, uma estrutura que não existe no original. Esta fragmentação do texto tem fins didácticos mas não existe no original e para manter uma leitura fluente e coerente o frei João faz ajustamentos literários frequentes e intervenções no próprio texto de Duns Escoto. É em procedimentos como este que têm origem numerosas rasuras ou interpolações na tradição manuscrita e impressa das obras de Escoto.

Vejamos como exemplo a *quaestio* I do *Prólogo* do *Scriptum*, que ocupa as pp. 2-19 (cf. o início na página seguinte). O *Prólogo* tem nas margens uma numeração romana sequencial em LXXX secções. Frei João divide a *quaestio* I em dez *lectiones* ou leituras, cada uma delas ainda subdividida nas margens e consoante os casos em argumentos, razões, instâncias, escólios, confirmações, objecções, soluções, soluções dos argumentos. As 9 questões do *Prólogo* e as 48 *distinctiones* do livro I do *Scriptum* são submetidas a este tratamento esquematizador. As margens servem para pontuar o texto, situar o ponto da discussão, guiar o leitor, reunir informação técnica adicional.

A mesma intenção pedagógica de serviço ao leitor está presente na cuidadosa e sistemática anotação, nas margens, das fontes de Duns Escoto, valendo-se talvez frei João da Encarnação da ajuda de outras edições precedentes. Os índices remissivos finais, também de uso em edições semelhantes, cabem ainda na mesma intenção didáctica, recolhendo matéria das notas e comentários marginais.

| PROLOGI AD LIB. SENTENT. QVÆST. I.   |  |
|--|--|
| <b>QVÆSTIO I.</b>  |  |
| <i>Vtrum pro statu isto necessarium sit homini supernaturaliter inspirari aliquam doctrinam specialem?</i> |  |
| <b>SVMMARIVM.</b>  |  |
| I.   | <p>Leçt. I. Ponuntur argumenta pro utraque parte questionis.</p> <p>Leçt. II. Proponitur status controuersie inter Theologos, &amp; Philosophos, &amp; arguitur pro parte horum.</p> <p>Leçt. III. Impugnatur præcedens Philosophorum positio, &amp; arguitur in fauorẽ Theologorum.</p> <p>Leçt. IIII. Quadrupliciter instaur contra duas præcedentes rationes.</p> <p>Leçt. V. Respondetur ad instantias præcedente lectione postas.</p> <p>Leçt. VI. Triplici adhuc ratione, &amp; principaliter, impugnatur superior Philosophorum positio.</p> <p>Leçt. VII. Confirmantur tres rationes postas contra Philosophos, auctoritatibus D. Augustini, &amp; soluitur instantia contra eas facta.</p> <p>Leçt. VIII. Ex propria Doctoris sententia respondetur ad questionem.</p> <p>Leçt. IX. Soluntur argumenta, lectione secunda adducta pro opinione Aristotelis.</p> <p>Leçt. X. Respondetur ad argumenta pro negatiua parte questionis.</p>  |
| II.  | <p>Leçt. III. Impugnatur præcedens Philosophorum positio, &amp; arguitur in fauorẽ Theologorum.</p> <p>Leçt. IIII. Quadrupliciter instaur contra duas præcedentes rationes.</p> <p>Leçt. V. Respondetur ad instantias præcedente lectione postas.</p> <p>Leçt. VI. Triplici adhuc ratione, &amp; principaliter, impugnatur superior Philosophorum positio.</p> <p>Leçt. VII. Confirmantur tres rationes postas contra Philosophos, auctoritatibus D. Augustini, &amp; soluitur instantia contra eas facta.</p> <p>Leçt. VIII. Ex propria Doctoris sententia respondetur ad questionem.</p> <p>Leçt. IX. Soluntur argumenta, lectione secunda adducta pro opinione Aristotelis.</p> <p>Leçt. X. Respondetur ad argumenta pro negatiua parte questionis.</p>   |
| <b>LECTIO I.</b>   |  |
| Ponuntur argumenta pro utraque parte questionis.   |  |
| I. argum.  | <p><b>A</b> D primum sic proceditur. Videtur, quod pro statu isto non sit necessarium homini supernaturaliter inspirari aliquam doctrinam specialem. Primò. Quia, omnis potentia, habens aliquod commune pro primo obiecto naturali, potest in quolibet contentum sub illo: sed primum obiectum naturale nostri intellectus est ens, in quantum ens: ergo intellectus non potest naturaliter habere actum circa quodcunque ens. Et sic circa quodcunque intelligibile, etiam non ens. Quia negatio cognoscitur per affirmationem. Ergo, &amp; cæt. Maior patet per exemplum de primo obiecto visus, &amp; alijs contentis sub illo. Et ita inductiue in alijs obiectis primis, &amp; potètijs. Patet etiam per rationem. Quia primum obiectum dicitur, quod est adæquatum potètiæ. Sed, si in aliquo esset ratio eius, circa quod non posset potentia naturaliter habere actum, non esset potètiæ adæquatum, sed excederet potètiæ. Ergo, &amp; cæt. Minor probatur. Quia ex Auicenna libr. I. Metaph. <i>Ens, &amp; res prima impressione imprimuntur in animam, nec possunt manifestari ex alijs.</i> Si autem esset aliquid, aliud ab istis, primum obiectum, ista posset manifestari per rationem illius. Sed hoc est impossibile. Ergo, &amp; cæt.</p> <p><b>B</b> Secundo. Quia sensus non indiget aliqua cognitione supernaturali pro statu isto: ergo nec intellectus. Antecedens patet. Consequentia probatur. Quia natura non deficit in necessarijs. Et, si in imperfectis non deficit, multo magis, nec in perfectis. Ergo, si non deficit in potètijs inferioribus, quantum ad necessaria eis, propter actus suos habendos, &amp; propter finem earum consequendum, multo magis non deficit in necessarijs potètiæ superioris ad actum suum, &amp; ad finem consequendum. Ergo, &amp; cæt.</p> <p><b>C</b> Tertio. Quia, si aliqua talis doctrina est necessaria, hoc est, quia potètia in puris naturalibus est improporcionata obiecto, vt sic cognoscibili: ergo oportet, quod per aliquid aliud à se, fiat ei proporcionata: illud autem, aut est naturale,</p> |
|  | <p>III.</p> <p><i>Auicenna libr. I. Metaph. ca. 5.</i></p> <p>2. argum.</p> <p>III.</p> <p><i>Arist. lib. 3. de anima cap. 9. tex. 45.</i></p> <p>3. argum.</p> <p>aut</p>   |

### A influência da edição de Escoto

O franciscano Mateus de Sousa, natural de Lisboa, publicou em Salamanca em 1629 dois tomos de comentário ao I livro do *Scriptum Oxoniense*<sup>12</sup> onde, embora adopte a divisão por artigos ao modo de S. Tomás, poderia ter utilizado a edição de frei João da Encarnação.

Lucas Waddingus, apesar de ter feito os seus estudos em Portugal nos conventos franciscanos de Leça da Palmeira, Leiria e Lisboa, e de certamente a conhecer porque cita a *Vida* de Escoto nela incluída e porque estudou justamente na Universidade de Coimbra entre 1610 e 1613, portanto poucos anos após a edição da obra<sup>13</sup>, não a cita quando escreve a lacónica ficha sobre frei João da Encarnação, nem a menciona nos 12 volumes da edição dos *Opera omnia* de João Duns Escoto que fez publicar Lyon em 1639.

Apenas o estudo das centenas de manuscritos de cursos de Filosofia e Teologia do século XVII que se preservam em bibliotecas de Braga, Évora, Lisboa e Porto permitiriam traçar um melhor panorama da influência de Escoto em Portugal<sup>14</sup> que assinalasse a

---

<sup>12</sup> *Optata diu articulatio et illustratio Oxoniensis libri Primi Sententiarum Doctoris Subtilissimi P.F. Joannis Duns Scoti (...) cum fidelissima integritate et puritate litterae textualis eiusdem ad articulorum praeclarum D. Thomae modum redactae (...) Auctore Fratrem Mathaeo de Sosa, Olissiponensi (...)*, Tomus I & II, Salmanticae, apud Didacum á Cusio 1629; cit. por I. S. RIBEIRO, «Autores franciscanos portugueses do século XVII», art. cit., p. 475.

<sup>13</sup> Sobre Waddingus em Portugal, cfr. por exemplo G. CLEARY, «Luke Wadding», *The Catholic Encyclopedia*, vol. XV, 1912, em <http://www.newadvent.org/cathen/15521d.htm>. Outra bibliografia citada em J. F. MEIRINHOS, «Escotistas portugueses dos séculos XIV e XV», p. 343 (cfr. n. seguinte).

<sup>14</sup> Para os séculos XIV a XVI vejam-se os estudos recentes e a bibliografia citada em J. F. MEIRINHOS, «Escotistas portugueses dos séculos XIV e XV», pp. 330-347 e M. S. CARVALHO, «Em torno da recepção do pensamento de João Duns Escoto no Portugal quinhentista: o caso dos Jesuítas de Coimbra», pp. 348-357 ambos em L.A. DE BONI et al. (org.), *João Duns Scotus (1308-2008). Homenagem de scotistas lusófonos*,

presença e utilização desta edição do *Scriptum Oxoniense*. De entre os que foram lentes de Teologia de Coimbra do século XVII assinalados por Félix Lopes, diversos trataram *ex professo* o comentário de Escoto ao livro I das *Sentenças*, ou deixaram cursos ainda manuscritos sobre temas que aí terão certamente colhido doutrina, sobre a *Scientia Dei*, *De praedestinatione*, *De voluntate Dei*, *De incarnationis Mystério*, *De actibus humanis*, para citar apenas alguns dos temas mais ensinados em Coimbra na *cadeira de noa* nesse século<sup>15</sup>.

---

EDIPUCRS – EST Edições – Universidade S. Francisco, Porto Alegre – Bragança Paulista 2008.

<sup>15</sup> Cf. F. F. LOPES, «O ensino das doutrinas de Escoto na Universidade de Coimbra», art. cit., reed. em IDEM, *Colectânea de estudos*, op. cit., ver nas pp. 480-498 os lentes da cadeira de Escoto.